N.º 55 · (2.º) — (177) — 4.º ANNO

Terça-feira, 28 de Novembro de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

IMPRESSÃO A CORES
Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27

Composto e impresso na typographia NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria (á Avenida), 40

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUÃO» Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º—Lisboa

O DESCALÇAR DA... BOTA

GREVE

FOMENTO

PANIFICAÇÃO & C.ª LISBOA

SILVA E SOUZA

Apezar de tudo, ainda quem manda é o capital! Ou mestre Castanheira não fosse o rei do pão. Com a força tudo se resolveu

A SITUAÇÃO

Sem que nos mova a menor animosidade contra radicaes ou conservadores, pois extranhos a facções, vivemos apenas para a lucta dos ideaes e para a defesa do povo, entendemos de dever profissional e como portuguezes registar nas columnas d'«O Zé», a nossa opinião, sobre os vergonhosos e lamentaveis acontecimentos de domingo que, provam a desorientação que ultimamente invadiu a sociedade portugueza.

Desorientação, que nos está arrastando ás mais funestas consequencias.

Em tudo isto, transparece a insensatez e porque não dizel-o—a incapacidade de certas entidades que estão á frente dos altos cargos publicos.

Não são as inofensivas e anonymas creaturas que nos entraram pela porta dentro e que dizem saberem debelar o mal da cegueira quem, originaram os tumultos sangrentos de domingo—é o povo, insofrido e ludibriado que, procura a menor consequencia para se manifestar, para explodir, para fazer conhecer a revolta da sua descrença que, aclarada por elementos perturbadores e que gosando da impunidade, procuram pescar nas aguas turbas e arrastar este bom povo ao caminho da desordem e da anarchia! Não pode ser.

De duas uma:—ou os homens do governo lançam mão da lei, punindo estes desordeiros de luva branca para não lhe chamarmos «apaches» perigosos que fazem quartel general da Brazileira, antro perigoso, ou então a republica tem que se envergonhar de existir tal como existe! E' para estranhar, que após os acontecimentos de domingo, ainda se conserve á frente do districto o sr. Euzebio Leão que, em nome do seu pondunor, já devia estar no seu consultorio a analysar a... bexiga dos infelizes que necessidade tivessem de lhe cair na mão.

A republica, necessita de homens de talento, de saber e de energia para que possa existir a sonhada republica que o povo fez na manhã de 5 de outubro! No proximo numero, fallaremos de tão transcendente assumpto.

♣

Fitas corridas

Está na ordem do dia o caso das chinezas dos «bichos nos olhos».

Meio mundo se alvoroçou com as mulhersinhas, quando afinal tudo se remediava, a contento de todos, com duas pennadas de tinta esguichadas do ministerio do interior.

Já se vê, este processo é retrogrado, os bichos são uma cantiga, é um simples caso de suggestão o caso das mulheres, segundo dizem os especialistas. Mas fiquem sabendo os doutos: só os cegos podem **vêr** a importancia da questão. Elles é que sabem se o tratamento das chinezas é bom ou mau, porque são os donos dos seus olhos e por isso os unicos avaliadores da importancia do curativo.

Custava então muito dispensar-se ás chinezas um praso qualquer para exercerem a sua sabedoria, visto que algumas curas já fizeram, incontestavelmente?

Havemos de concordar que não custava. E por outro lado seria para ellas uma satisfação tirarem-nos os bichos ém paga dos europeus quererem tirar-lhes os rabichos.

Não se procedeu assim. «Raptou-se» toda a familia em automoveis e levou-se para sitio desconhecido.

Para quê, senhores? Isto é bonito? Não! Nem é democratico... ao menos!

Bem sabemos que os «mirónes» augmentam o volume dos factos. Ainda hoje um sujeito nos disse que uma d'ellas tinha extrahido do olho direito d'um seu amigo um «micróbio» que, segundo o gesto do sujeito, era maior que um feijão carrapato!

Mas tambem hontem uma mulhersita que nós conhecemos e que anda com um olho entrapado nos disse com muita rasão:

—Fiquem sabendo que no olho é um descanço a gente não ter bichos!

Lá isso é.

*

Como devem saber realisou se o julgamento dos individuos implicados na gréve dos padeiros.

Andou depressa a justiça, com mil diabos! Foi um instante! A «sócia» da balança d'esta vez tomou folego e não nos fez esperar. Mas já não se dá o mesmo com os conspiradores. Coitadinhos! Pobres «desinfelizes»! Estão a deixal os apodrecer nas masmorras e a justiça quasi não dá por isso. Fez se uma lei especial para os desventurados mancebos e o dia do julgamento ainda não se divisa no horisonte! Tenham dó! Dêem lhes comida e roupa lavada!... Coitados!

Mas agora, fallando a sério:

Porque rasão se andou tão rapidamente com o julgamento dos padeiros e se está reservando, ao que parece, o dos conspiradores para a semana dos nove dias?

Para que serviu a discussão ardente da lei dos traidores? Parece-nos que para o julgamento se effectuar mais rapidamente. Pois não foi. Aos padeiros por não lhes apetecer fazerem pães de kilo, meio kilo, de bico e roscas durante dois dias, applicou-se immediatamente o julgamento, como se o crime fosse maior que as barbas do Padre Eterno.

Aos conspiradores, por quererem «enroscar» os seus compatriotas, reserva se a acção decisiva da justiça, para quando houver vagar, como se o crime fosse uma reles occorrencia de rua.

Côbo para tanta pragmatica!

*

O sr. Alexandre Fontes consagra umas linhas da «Capital» á origem da palavra **ano**. E transplanta este bocadinho do diccionario de Moraes:

«**Anno.** «s. m. t. medico.» O orificio por onde se vasam regularmente os escrementos grossos e fetidos para fóra do corpo. Outros dizem **anus** alatinadamente.»

Ora o espaço de 365 dias, pela antiga orthopraphia, escrevia se **anno.** Pela moderna passou a escrever-se **ano.** Estão a vêr d'aqui a confusão resultante.

Não podemos escrever «ano novo» sem as senhoras córarem... Sim, porque dá ideia do «ano» d'uma creança d'um «ano».

Já outro dia um collega nosso, escreveu á pequena na sua primeira carta de namôro as seguintes palavras. «... tenho 23 anos, tirei o curso de bacharel...».

Pois sabem como a donzella respondeu? «... Faça favor de me dizer qual dos seus «anos» é o mais aromatico porque sou admiradora de perfumes.»

E ainda não é tudo. Já uma pessoa não pode escrever á sua Dulcineia convidando-a a ir vêr a revista do «ano», porque a donzella, acobertando-se n'uma tunica de pudôr, inhibir-se-ha certamente de assistir á revista d'uma coisa... que não podemos vêr senão a olho nú.

Isto póde tolerar-se, porventura?

Decididamente os senhores da nova orthographia são todos uns caras de ano... bissexto!

O anniversario d'"O Zé"

A todos os nossos prezados collegas, á illustre Associação dos Trabalhadores da imprensa, agentes e amigos que, nos distinguiram com as suas requintadas amabilidades embora immerecidas, e ainda ao publico, que tanto nos vem auxiliando n'esta espinhosa crusada, honrando-nos com palavras e offertas de auxilio pela occasião do anniversario d'«O Zé», testemunha a empreza e a redacção, o seu reconhecimento que registara perduravelmente.

E a proposito, tendo alguem mal intencionado, interpretado com fins inconfessaveis a nossa noticia da mudança da nossa séde, a que jocosamente chamamos palacete ao novo edificio onde brevemente ficam installadas as officinas d'«O Zé», julgamos inutil declarar que, nunca tivemos a vaidade de confundir os nossos principios democraticos com as balofas vaidades proprias de pequeninos espiritos.

Hoje como hontem, amanhã como hoje —saberemos não esquecer que nascemos do povo e que a elle e só a elle, devemos a existencia do jornal que, procura manter se com honorabilidade profissional e luctar pelo ideal da causa da republica que é a de todos os que se prezam de ser portuguezes e... «tableau».

♣

A' Republica Portugueza

Aurora que tão grande e magestosa
Raiaste n'uma bella madrugada
Em actos de bravura a mais ousada
Provaste quanto foste generosa.
Um grito d'alma fez-te resurgir,
Brotando a fé em peitos ofegantes.
Luz vivida guiando os mareantes;
Imagem apontando no porvir;
Clamaste com voz firme, retumbante!
A' Patria um futuro mais brilhante!

Prosegue na jornada redentora;
O sonho glorioso do teu povo,
Rasgando um horisonte bello e novo.
Triumpha, dá lhe a luz consoladora
Ungindo-o n'um amplexo de grandeza.
Glorifica-lhe o nome do passado,
Em nome que foi grande e respeitado.
Exulta pois, ó Patria Portugueza
Surgindo quem pretende atraiçoar
A obra que soubeste edificar.

STYL.

♣

Faça-se justiça!...

Os gatunos de mósco assaltaram o predio do sr. José Luciano.

O' srs. juizes, quando fôr o julgamento, façam favor de pôr os homens na rua, porque lá diz o dictado: «Ladrão que rouba a ladrão»...

♣

Senhor Conselheiro

Assim lhe chamam no theatrinho ali de S. Domingos, (e parece que ser conselheiro é synonimo de burro e com todas as lettras) ao emprezario do Rocio Palace que, para sua infelicidade, parece não ter cheirado pelo menos em creança—aquella bebida que se chama «chá».

O seu procedimento para com um nosso redactor. provou quanto grosseiro e indigno é o tal conselheiro que julgamos preferivel o desprezo a ter que nos incommodar com semilhante matboide.

As acções ficam com quem as pratica e não com quem as recebe.

Pobre conselheiro.

Hora suprema

I

Em quanto, que a humanidade se lança no turbilhão infernal da lucta pela existencia, procurando cada qual dar o salto mortal com mais ou menos triumpho, procuramos nós simples mortal, auxiliados por aquelle invento do celebre russo Rosing, o «Olho Electrico», investigar do que atravez dos mysterios da politica, ella nos apresenta digno da meticulosa analyse critica para, em nome da coscuvilheira missão jornalistica, a lançarmos á poeira pestilenta do noticiarismo sempre avido do apimentado escandalo.

N'este menear constante, do apparelho que substitue a nossa incapacidade pela subtileza do seu alcance valoroso, vemos o caminhar do progresso que, guiando esse diamante a que chamamos saber humano n'uma carreira tão vertiginosa que não sabendo até que alturas da montanha d'esse diadema inegualavel elle subirá, a nossa intelligencia estaca e absôrta na confusão d'este mar incomprehensivel e quasi impenetravel da sciencia, ella pergunta como em pleno seculo da conquista do ar, a humanidade nos force a recordar aquella verdade do celebre philosopho grego que dizia: individualismo—«o do homo homini lupus», e só assim se explica, que atravez de todos os tempos, as sociedades só deparem com a rivalidade e com odios, miserias e lodo em que constantemente se atascam! E' que o barro humano, ainda não póde compatibilisar-se com o progresso que, o mesmo será que dizer com a perfectibilidade.

Que utopia santo Deus—perfectibilidade e egualdade!—como se não fossem duas palavras vãs dentro da razão da existencia d'esta engrenagem a que chamam—vida! Feliz de ti humanidade, quando bem souberes comprehender que os charlatães da politica te illudem com o manto diaphano da phantasia, encobrindo-te assim a nudez forte da verdade! D'uma vez para sempre diremos: De duas uma, ou intelligencia, ou egualdade! Eis pois, a eloquencia da logica. Emquanto houver intelligencia, não existira entre os homens a chamada egualdade; ora, como a intelligencia é um privilegio exclusivo da natureza e sem a qual os povos não teriam possibilidade de existencia, nunca a humanidade poderá alcançar a sua mais ardente aspiração—egualdade! —pobre egualdade, a quantos tratos de polé te sujeitam os pescadores da tua eterna infantilidade pobre povo. Terás a egualdade, a liberdade e a fraternidade, quando o ceu fôr o pae dos pardaes, como a chamada união abraçará o velho partido republicano quando as pedras se transformarem em diamantes.

Ora, descendo o nosso espirito aos tram bulhões da sua viagem pelas regiões da philosophia ao realismo da vida, dêmoslhe entrada na arena do noticiarismo e, passemos a lançar o nosso «Olho Electrico», sobre o rincão onde, tão petulantemente vamos vendo passeiar toda esta bandalheira da reles politiquice que, só por si, fórma uma atmosphera asphyxiante e demonstradora da morbidez em que todos nos vamos, parece, identificando com muito prazer, sem que ninguem procure começar a morigerar este excellente povo.

Da nossa investigação, colhida pelo exame auxiliar do «Olho Electrico», impenetravel á poeira asfixiante que vem da farrapagem mizeravel e indigente que tanto caracterisa esta politiquice que tem sido e parece pretender continuar a ser o vivo tormento constante do pobre povo portuguez, apenas temos como corolario, a prova eloquente da pequenez do espirito da grande parte dos que, dizendo se orientadores, do alto do seu throno de eburneo, diziam hontem e ainda hoje o julgam, que era o povo quem, tinha que receber a **honra** de até elles subir para que elles então, descessem até ao povo! São privilegios e arminhos mascarados de... democracia!

Não somos dos que exigem, muito menos dos que julgam que a republica, com um anno apenas de gestação, deve dar a este anemico paiz, a vitalidade, que um regimen de oito seculos lhe recusou' Não senhor. Somos dos que exigimos homens d'acção, de saber e de rijo pulso para, levarem o paiz até onde elle tem direito a entrar—no grande concerto das nações onde, o progresso tem ensinado o seu povo a exigir direitos e a saber comprehender os seus deveres que não são poucos! E' o que vemos que não tem Portugal.

ARIEJNARAL

♣

Os presos politicos

Com aquelle «sovoir faire» sibilino, todo propriedade do jornal «O Dia», publicava ha dias este periodico, um emocionante editorial, pedindo a rapida liberdade para os innocentes e, respectivamente, a condemnação para os reus de alta traição.

Sim senhor, em nome do prestigio da republica, da honra da patria e da justiça, bradaremos tambem: senhores dos altos poderes publicos, urge que justiça se faça aos innocentes e justiça se applique aos que prevaricaram; justiça implacavel, cega e dura caia sobre a cabeça dos criminosos, mas tambem, criminosos de lesa humanidade, são os que, senhores do poder, tão negligentemente estão agindo n'um assumpto de tão magna importancia como é o julgamento dos conspiradores.

Acabe-se com isto por uma vez.

♣

A D. Laurinda

Ha um mutuo galanteio
Entre nós, algo exquisito;
Temos ambos igual fito
E ambos o mesmo receio!

Este receio, afinal,
Dia a dia se assegura.
E é tão simples um signal
Onde haja um sol de ventura...

♣

Ao correr da fita

—Já sabe o que me succedeu, visinha?

—O que foi?

—Quando fui á Baixa, os gatunos entraram me em casa.

—Está a brincar...

—Não estou tal. Foi uma sorte levar o dinheiro todo commigo, senão os patifes roubavam-no.

—Isto está bonito. Não póde uma pessoa sair de casa!

—Os malvados aproveitam todas as occasiões...

—E não foram presos?

—Isso sim. Quando cheguei já elles deviam estar longe.

—Nem ao menos se queixou?

—Não levaram nada de casa, por isso não estive para me incommodar...

—Como encontrou a porta, visinha?

—Encontrei-a aberta. Os sujeitos serviram-se d'uma chave porque a fechadura estava no seu logar...

—Tem graça...

—Acha lhe graça? A fechadura é uma fechadura forte e estava um boccado pêrra.

—Olha que... bellesa!

—Pois mesmo assim a abriram...

—O que admira é que o «magico» ou quem quer que foi o auctor da brincadeira conseguisse arrombar lhe a porta sem barulho, estando pêrra a fechadura...

—Para m'a arrombar fartou-se de gastar azeite. Quando não, chiava...

♣

Gréve de... vergonha

A gréve dos manipuladores de pão, veio despertar-nos d'esta habitual somnolencia que nos domina e que tanto nos caracterisa.

Teve o inicio d'um gesto, d'um brado de indignação e de revolta dos explorados que, parece, reclamavam direitos para cumprirem deveres.

Desde a força armada, ao «apache» de luva branca que aborda ali por proximo da Brazileira, tudo se movimentou, tudo tomou posições de combate, dividindo se as opiniões no campo «pró e contra».

Quando exactamente, tudo se preparava para saber da justiça dos grévistas, e que uma interrgoação saltitava de boca em boca, eis que como por encanto, acaba a... gréve dos manipuladores de pão!

Que triste noção nos deixou este gesto de reivindicações!

Pobre povo, como precisas de baldes de educação civica.

♣

Bichos

Já se foram as chinezas
Que tiravam «cataratas!»
Iam fulas, iam doidas
Com os «grandes democratas!»
Até chamavam a isto,
A terra das bambochatas!
Ellas tiravam dos olhos,
Cadellas, gatos e gatas,
Morcegos, ursos, pavões,
Percebêjos e baratas!
Chegaram a extrahir!
Um batalhão de «taratas!»
Uma sacca de carvão
E uma duzia de piratas!
Extrahiam bótas velhas,
Chinellas e alpergatas!
Uma quarta de toucinho,
E dois kilos de batatas!
E tiraram mais d'um olho
Um urso co'as suas patas!
Um boi com... cangas e tudo,
E trêse milhões de ratas!
Duas duzias de sacristas
E dezesete beatas!
E'na pae que grande escova!
Que data de pataratas!

♣

Paulito abaixo!

Não ha como «O Seculo» para a organisação de titulo para as sua locaes. Se não, vejam:

Camarada gatuno

Resulta d'aqui uma confusão: não se sabe com certeza se o gatuno é camarada do typo que fez a noticia ou se é algum impedido de major. Outra:

Criadas de servir larapias

Afinal o que é isto? Trata se de larapias que são criadas de servir ou de criadas que servem larapias?

Nós já sabiamos que «O Seculo» é o melhor diccionario de calão, mas desconheciamos que era um tão feliz inventor de «qui pró quos».

Ora, collega, venham os dez reisitos e quem não perceber que se... arranje!

Não é verdade, seu «calmeirão» das 4 machinas rotativas duplas?

REGABOFE ARTE NOVA!!!

Emquanto que o ingenuo presidente, procura atrair os egoistas dando-lhe mel pelos beiços, elles vão continuando a envenenar a existencia da republica!

Coisas que a gente vê

5 de novembro.

O Braz Cachorro, o esfarrapado e irreverente filósofo que me serve de «compére» n'esta revista que é a vida, ali na rua, de repelão obrigou-me a estacar; e, pondo a descoberto a calva reluzente, estendendo o indicador apontou-me uma carreta funeraria que vinha na direcção do cemiterio dos Prazeres.

Algumas creaturas a seguiam e ladeavam, mas eram poucas.

E emquanto, a sós comigo, eu pensava que era talvez um modesto operario que ia a enterrar, feliz por ir, emfim, dormir o sôno eterno,— o Braz Cachorro, na sua curiosidade impertinente, indagára o nome do morto e abeirando-se de mim, de olhos esgazeados, atirou-me á queima roupa:

—Vae ali o Silva Pinto!...

***

Era, com effeito. o mestre que ia a enterrar por aquelle domingo triste de novembro.

Os jornaes haviam noticiado a sua morte, e os admiradores do incomparavel João Braz, assim o deixaram partir sózinho para a grande viagem de que se não volta mais... ficando em casa, talvez a assar castanhas...

E quantos dos que ainda hontem lhe mendigavam palavrínhas de elogio — quantos não estariam n'aquella hora rabiscando artiguelhos para publicar nos jornaes no dia seguinte, chamando-lhe «desiquilibrado compilador de anedoctas».

«Arre, malandros», como dizia o Navarro.

A carreta passou cauzando-me arrepios de dôr.

As academias, os sabios, os artistas brilhavam pela ausencia e nem, ao menos, a mocidade generosa das escólas viera dizer o seu ultimo adeus ao gigantesco João Braz do «Pimpão», essa reliquia ultima dos escriptores portuguezes que ia, ali no seu esquife estreito, quasi sozinho a procurar a paz do tumulo!

Houve quem dissésse que Silva Pinto deixou uma obra banal, e que, entre tantas paginas escriptas se não aproveita uma que se diga bella.

O' criticos da pênna grande, que leviandade a vossa! Vós lês-tes o prefacio com qne o Mestre insigne abriu o «livro de Cesario Verde»?

Quem produziu, dizei, paginas mais bellas, tão cheias de sentimento e de ternura?!

Ah! é que Silva Pinto era um coração de pomba conservado em vinagre forte, como o definiu esse incomparavel artista do verso que se chama Augusto Gil.

O auctor dos «Combates e criticos», foi um demolidor audaz. Sempre ao lado dos pequenos contra os fortes, luctando, frente a frente, por ideaes emancipadores, pretendendo sómente arranjar esta sociedade onde os «cretinos» dogmatisam...

O Mestre tinha razão. O Germinal ainda não passou d'um sonho; para se transformar n'uma realidade, ainda temos muito que destruir...

E como eu ficasse pensativo e instinctivamente seguisse o funeral, o Braz Cachorro atirando-me á cara uma bafurada de vinho, filosofou-me:

—O Silva Pinto, era grande demais para uma sociedade tão mesquinha! Era um grande escríptor, morreu pobre e vae sem amigos a enterrar!... Em o Sevilha morrendo—o que Deus afaste—cáe ahi Lisboa em pêso a acompanhar-lhe o féretro; os jornaes hão-de chamar-lhe grande poeta e contar-lhe as corôas; o conselheiro Accacio ha-de «botar» discurso e o deputado Carneiro ha-de votar, no parlamento, uma pensão para a familia.

Eu mandei calar o Braz cachorro, mas está-me a parecer que aquelle diabo tem razão...

MANOEL CHAGAS (Pardielo).

♣

O Chico das Pêgas

Não tem fim o exito d'esta peça que todas as noites enche o **Apollo.** Os dois artistas comicos Nascimentos Fernandes e Alegrim, teem papeis excellentes de verve que elles desempenham de forma a alcançarem estepitosos applausos de todo o publico. Ilda Ferreira a novel e simpatica artista tambem é muito festejada todas as noites.

♣

Aqui ha bicho!...

Houve um cidadão qualquer em Paris que affirma ter descoberto a fabricação do diamante.

E' muito provavel que este sabio tenha eu bichosinho nos olhos...

Instantaneos

III

O borlista

Um dia apareceu. Não se sabe o que foi; se monarquico, se republicano; se livre pensador, se «jezuita.» Aparece uma vez na redação a acompanhar alguem ou sob qualquer outro pretexto. Volta d'ahi a pouco. Está acanhádo, a medo, mas vae tomando alento. Um dia offerecem-lhe uma borla; arrebita as orelhas e aceita. D'ahi a dias pede elle.

E assim gradualmente, até hoje em que não falte um só dia. Ás horas certas, truz, truz.

— «Então como estão? O X não está cá? (O X é o director ou o administrador.) Está. Bem, então espero (para Y). Como está o meu amigo, bom? Então já foi ao «Republica?» Gostou? Vou lá hoje. Ahi vem o X. Então como está? Faz-me um favor sim? Passa-me bilhete para o «Republica?» Muito obrigado. E para o «Apollo,» já deram? Não? Então da-me para levar a um meu amigo. Muito obrigado. E o «Nacional» já está passado? E' para meu primo se faz favor. Muito obrigado. Já agora se não e incommodo, o «Avenida» para minha familia que vae lá... e é uma ajuda. Muito obrigado. Agora se me dão licença eu estou com muita pressa... adeus... (Mas voltando atraz.) Ai, lá me esquecia. Dava-me 2 entradas para o «Olympia»... é lá para a creada que me pediu se arranjava,... muito obrigado. E lá vae, de algibeira cheia pensando que fez mal em não pedir para o «Gymnasio» para o seu porteiro que decerto devia gostar...

Que typo!...

♣

ORA ESTA!

Que grande celeuma que para ahi vae entre as senhoras casadas e com toda a razão. Pois não faltava mais nada depois de tantas e tão anormaes cousas que se teem dado depois da mudança de regime, de que virem a Lisboa as taes chinezas. E para quê? Para alliviarem a vista a quem as consulta extrahindo-lhe bicharocos dos olhos e mettendo-lh'os na cabeça!

Pois se ha para ahi menino que já não vê a esposa senão em dia que vá ver alguma revista picante e apiritiva, imaginem o que será depois da consulta ás chinezas! Passará até a esquecer se de que tem mulher!

E ainda o sr. Botto Machado a mostrar interessar-se, no parlamento, por um tão perigoso factor do descrescimento da população e da desharmonia dos lares.

♣

Effeitos da incoherencia

«A Republica», jornal por excellencia philosopho, jurando aos seus deuses descancar o realissimo radicalismo do «soi-disant» democrata dr. Bernardino, não o larga de ilharga, e a proposito de tudo, ella vem com aquella fecunda rajada de eloquencia que, em nome do pobre Thiers, elle impingiu apoz o seu succulento dejeuner ao inconsciente ouvinte que ainda papa das gordas galgas, e que qual Thiers disse: «A republica ou é conservadora ou não se manterá.»

Ao mesmo tempo que tambem dizia: «Em Portugal o governo pode e deve ser radical desde já, porque a nossa situação é muito differente d'aquella em que a França se encontrava.»

E assim, vae levando para o ridiculo o encravado cidadão que «A Lúcta» tanto deseja vér a caminho das terras de Santa Cruz. Pobre peregrino da Republica. Cá se fazem cá se pagam.

O "Zé" e o theatro

Já por varias vezes o «Zé» tem apresentado aos leitores algumas peçasinhas, em geral muito christosas e de verdadeiro alcance.

Hoje apresentamos-lhe uma cançoneta que póde ser ouvida por senhoras e que é de muita verdade historica.

E' o

Ministerio

(off. a Estevam de Carvalho)

(Tipo mal vestido, fato aos farrapos com varios remendos, botas com tombas).

(Mnsica do Pouca sorte)

Eu nasci á 2.ª feira
Dia 13, por meu mal;
E tive para parteira
O Augusto do hospital.
Fui a custo tirado ferros,
Começa aqui a arrelia;
Pae Almeida dava berros,
Mãe Bernarda só sorria.

Quem assim logo ao nascer
Passa tão triste amargura,
Não póde doixar de ter
Pouca dura... pouca dura.

P'ra padrinho, lá na Lucta,
Tive o peor dos sebentos;
E a madrinha velha astuta
Foi a Affonsa dos conventos...
Quiz-me cazar independente
Mas a Arestas deu-me tampa;
Quiz unir-me a toda a gente
E a «União» baixára á campa.

Qnem assim logo ao nascer
Faz tão triste figura
Não póde deixar de ter
Pouca dura... pouca dura.

A desgraça em mim se espelha
Vou morrer ao parlamento;
Deixou-me uma tia velha
O «difficit» do orçamento...
As algibeiras estão vazias,
Esta molesta não é nóva;
Não tardam já muitos dias
Que vá de caixão á cóva.

Quem assim logo ao nascer
Acha a paiz em dictadura,
Nao póde deixar de ter
Pouca dura... pouca dura.

Lisboa-15-XI-911.

FULANO DE TAL

♣

Matinée blanche

Do cidadão sr. Baptista Diniz, recebemos a noticia que segue:

Em homenagem ao prestante cidadão Thomé de Barros Queiroz, realisa o popular revisteiro no proximo domingo 3 de dezembro uma «matinée blanche» no theatro Apollo, galhar amente cedido pelo illustre emprezario Eduardo Schwalbach.

O programma, onde collaboram os mais distinctos artistas e amadores nacionaes, é revestido dos maiores attractivos.

♣

POBRE GREANÇA

O Sr. Julio de Vilhena foi acommettido d'um ataque de rheumatismo que felizmente não foi violento.

Já no tempo da monarchia S. Ex.ª estava peor da perna mas com a Republica o caso complicou se.

Não seria bom arranjarem-se uns dias de grande gala em virtude das melhoras?...

♣

O que é o réclame

Um annuncio d'«O Seculo» diz que o «Chico das Pêgas é uma peça honestissima» e tal, etc.

E' pura verdade. E' mais honesta que uma floresta virgem. Mas ha por ahi peça tão honesta que descamba na «revista»!

No tempo das peras...

E digam lá que o nosso paiz não é «genuinamente» agricula...

Depois da proclamação da Republica, é tal a profusão de peras que esbarramos constantemente com essa fructa saborosa pendendo sempre do queixo d'alguem!...

A maior parte do nosso povo já se não envergonha em ostentar esse distinctivo da nossa democracia e uma das fructas que tem a fórma um pouco ingrata... embora seja de gosto um pouco picaro.

N'outros tempos a especialidade peral era reservada só aos militares, era exclusivo dos filhos de Marte.

Hoje já assim não acontece «graças a Deus», mais ao padre Mattos...

Desappareceu esse exclusivismo que revoltava todo aquelle que via no uso da pera de todo o anno um dos «quids» do maximo respeito militar.

Os homens, n'esse tempo, eram uns efiminados que soffriam os risos ironicos dos soldados de pera e bigode que disiam sorrateiramente aos collegas que os paisanas não tinham o privilegio da pera e que só faltava o uso das anaguas para perderem o pouco da masculidade que lhe restava...

Era por isso que se dizia dos pobres paisanos:

—Quem usa pera sem bigode... e concluiam em voz baixa, todos risonhos, os olhares gaiatos e uma segunda intenção na alma.

Era por isso que as sopeiras desprezavam, desdenhavam, constantemente, os namoros que não usassem uma farda e uma pera...

N'esse tempo ainda existia o sestro do uso separado da pera e do bigode que, para fazer pirraça á lei do Divorcio, deixou de andar em desavença constante.

A farda tambem foi facilitada aos paisanos justamente com a pera querida que hoje se ostenta sem tributo...

Na redacção d'«O Zé» tenho o meu collega Larangeira que saboreia a sua mimosa pera, cofiando-a, todas as vezes que nos manifesta os seus ares marciaes de republicano do 31.

Com que saudades elle me diz em conversações:

—Como eu suspirava por affagar a minha pera... mas para isso esperava pelo advento do nosso querido ideal.

Respondo-lhe então:

=Se houvesse entre os outros, tanto patriotismo como ha de peras, o paiz estava salvo desde ha muito tempo...

Apezar de tanta pera, veria qne não haveria o patriotismo sufficiente para um sacrificio em prol da patria.

—Que sacrificio queria você que se fizesse, ó Chacon? Pergunta-me o nosso director Estevam de Carvalho.

—Porem-se todas as peras... em contribuição a favor da grande Subscripção Nacional para a marinha de guerra e veria que a maior parte dos nossos compatriotas deitariam as peras abaixo para não fazerem o sacrificio, de puchar os cordões á bolsa...

Tudo é muito bem sem fazer sacrificio jámais da bolsa...

CHACON SICILIANI.

♣

Que ha pelos cinemas?

Salão Trindade—São deliciosas as noites que se passam n'este animatographo onde a machina é muito nitida e o sextteto regido por Caggiani soberbo, muito afinado e executando os trechos musicaes mais apreciados dos primeiros auctores mundiaes.

Hoje é ali noite de estreias o que é o mesmo que dizer que o bilhèteiro não terá mãos a medir.

Chiado-Terrasse—Não lhes parece que é escusado dizer que nunca falta gente ao cinematographo da moda? Ha alguem que não saiba que ás terças e sextas se reune ali tudo o que Lisboa tem de elegante, de chic?

Olympia—E' escusado fazer reclame a este salão. Basta dizer que para attender a todos os seus frequentadores teve de abrir uma outra sala.

Chantecler—Abriu ha pouco este «cine» mas o seu publico é lá tão numeroso que por vezes se esgotam os bilhetes.

Foz—Apresenta-se hoje n'este salão a extraordinaria troupe Ayson e correr-se-hão algumas fitas de sensação das mais apreciadas pelo publico.

Central—Estreias sobre estreias, parecenos que é a divisa da empreza do **Central**. Deve sê-l'o porque na verdade em estreias o **Central** é assombroso.

Loreto—A serie de interessantissimas fitas que esta casa está apresentando é interminavel. Assim ella consegue encher-se todas as noites e que todo o publico saia contente por lá ter ido.

Viseira Carregada

A muito illustrada classe medica da capital mostrou-se na questão das chinezas, de um impudor e de um egoismo que a collocam fóra de todas as classes sociadas, quando devia ser a que mais se devia integrar na sociedade actual e a que mais devia alheiar-se de egoismo e mais humanitaria cumpria que se mostrasse.

Não toleram S. Ex.as os illustres Esculapios da capital que possam tratar da Humanidade, creaturas que veem de paragens, onde a grande civilisação europeia não pode penetrar, fazer aquillo que elles não são capazes de fazer, estudando permanentemente á custa dos olhos de tantos desgraçados, com todos as facilidades da civilisação d'algumas muralhas chinezas, escolas medicas, necroterios, hospitaes para praticos etc, etc. E d'ahi a pedir, talvez em nome da mesma Humanidade, que se prohibam as desastradas mulheres que conseguem com pausinhos, o que a Medicina não sabe conseguir com todos os ferrinhos cursos e recursos do Seculo XX, não hesitam os illustres sabios do florido jardim, á beira mar plantado.

Está bem, está mesmo muito bem.

A Humanidade que lhes agradeça com fervor, tão altas provas de abnegação, altruismo e desinteresse ou que corra de moedas de ouro na mão, a concorrer para o bem—estar de tão preclaros luminares da Sciencia Luzitana e a tão humanitarios defensores dos privilegios de uma classe, que tudo recebe e tudo tem, quer do Estudo, quer do publico, quer dos pobres, quer dos ricos.

E S. Ex.as que se dignem continuar a contribuir para o bem da especie humana e para o aperfeiçoamento da raça...

ARTHUR NEVES

—Que o sr. José d'Almeida
Vae fazer a sua Eneida!
—Que o sr. Brito Camacho
Ia caçando o penacho!
—Mas, por causa do diacho,
Foi-se-lhe por agua abaixo!
—Que o Bernardino Machado (*)
Ficou algo assolapado!
—Que o sr. Affonso Costa
Não fez ganhar muita aposta!
—Que o sr. Aresta Branco
Apanhou um solavanco!

(*) Pedimos desculpa aos leitores, de este illustre cidadão não levar senhor como os outros senhores levam, mas só a pera de S. ex.a enche um verso.

♣

"O ZÉ,,

Dará no seu proximo numero, uma sensacional charge ao caso das Chinezas, entre outras paginas de emocionante interesse.

♣

ZÉ GORDO FALLA SOBRE THEATRO

Pensavamos nós nos bichinhos das chinezas quando esbarramos com o popular Zé Gordo, personagem illustre cuja figura já foi estampada nas paginas coloridas de «O Zé. Foi tal o choque que o nosso systema desiquilibrou-se e sahiu-nos pela bocca um—Caramba!

Como os illustres habitantes do paiz visinho jámais terão dado em circumstancia alguma da vida. Concedida a desculpa implorada arriscamos:

—O sr. está sempre tão preoccuppado que não admira não veja quem passe. O sr. estafa-se hein?

—Se lhe parece; todo o dia e toda a noite deapito na bocca...

—Outros ha que lhe chamam assobio.

E assim entabolada a conversação ella foi deslisando por mil assumptos, pois chegava a hora de descanço de s. ex.a, até que ella incidiu sobre theatro. Ora muito bem. O que os nossos leitores vão lêr são as apreciações que Zé Gordo fez sobre os nossos theatros.

—Que, eu lhe digo, o **Nacional** anda com muita sorte. A peça de Paul Armstong «Vinte mil dollars,» cujo desempenho primoroso tem sido o mot d'ordre de toda Lisboa, tem feito com que o elegante theatro tenha tido desde a sua premiére enchentes successivas. Olhe d'antes eu nunca dava pelo fim do espectaculo e n'esta épocha é sabido em chegando á meia-noite e que eu veja ali o passeio defronte encher-se totalmente de gente, já sei: acabou o espectaculo do **Nacional.** E' peça para durar, assim como espero que «O sr. Freitas» comedia de Alvaro Lima e Chagas Roquette que na 4.a feira, 29, se estreia no **Republica** dê tambem successo. São dois auctores engraçados e de desempenho nada a receiar estando lá o Brazão, Ferreira da Silva, Angela Pinto, Augusto Roza, Adelina Abranches etc, etc. Ha um theatro onde me parece que nunca fui mas hei-de ir agora que me dizem que a «Princeza dos Dollars» vae na perfeição: é a **Trindade.** O certo é que está lá a Palmira Bastos, uma das rainhas da opperetta, e isso me ha-de lá levar uma d'estas noites. Que tambem me dizem que a Cremilda no **Avenida** vae explendidamente na protogonista da Princeza.

—Isso lá dão admira. A Cremilda... é difficil não ir bem. replicamos nós.

—E tambem lá está o José Ricardo que no papel de Jhon tem uma creação. E que me diz ao **Colyseu dos Recreios!** Olhe que o Santos sabe arranjar espetaculos ao agrado do povo. Agora ahi está Maurice Deriaz o gentil atheleta que o publico não se farta de applaudir os gymnastas Dafil's prodigiosos no seu trabalho o «circulo da morte», a athleta Victoria e tantas outras notabilidades. Como se não fosse bastante apresentar uma companhia tão optimamente organisada o estimado emprezario ainda reduziu os preços, offerecendo gratuitamente o 2.° espectaculo aos espectadores do primeiro. Por isso com verdade se chama ao **Colyseu** e **Theatro do Povo.**

O «Fandango e maxixe da **Rua dos Condes** é que tambem está agradando e então aquelles fadinhos pela Zulmira Miranda e pela Maria Victoria... fiam de fino, amigo Zé Pimenta.

—Olá olá. Sem duvida. Assim como se o **Gymnasio** tem boas casas é porque o Cardoso, o Albuquerque, a Judith e os outros elementos da companhia se encarregam de não deixar retirar um espectador sem ter rido ás gargalhadas:

—E. accrescente, o Valle tem dêdo para escolher peças. Isto é que é trabalho em que se não pensa no **Apollo.** Decididamente o «Chico das pegas» nunca mais sae do cartaz do **Apollo.** Que tambem merece-o. E' um peça que honra o nome do seu illustre auctor: Eduardo Schwelbach. **Salão dos Anjos** peça egualmente com piada no **Infantil do Rocio.**

E mais não disse o Zé Gordo sobre theatro, accrescentando nós que o «Pae Paulina» do **Variedades** tambem agradou.

UM DILLETANTI

♣

Pequenez de espirito

A proposito d'uma carta enviada por um chronista da capital, para o jornal «L'Humanité», de Paris, borda «A Republica» varias considerações pela simples razão do seu auctor ter apresentado o sr. Affonso Costa como o unico estadista de arcaboiço em Portugal.

Não vemos razão, para que «A Republica», gastasse tanto tempo e tanta tinta, em transcrever a prosa do articulista que, tem o fraco de apresentar o sr. Affonso Costa um... homem grande.

E é assim, em ninharias d'esta ordem, que empregamos o nosso tempo; e ainda se admiram que o povo não esteja civilisado!

A illação, que tiramos de toda esta bandalheira da nossa reles politiquice, é que são todos os mesmos pequeninos espiritos incapazes de ousados commettimentos.

Não admira—o estylo é o homem.

♣

Que pressa!

D'um jornal da manhã:

«Ruy Coelho, pianista novo mas já de confirmado talento, tenciona realisar um concerto...» etc.

Coitado! um pianista novo e já a precisar de concertos...

NEM ASSIM APPARECE!?

Qual Diogenes da lenda, lá anda o pobre velhinho, em busca da concentração; mas a lanterna descobre-lhe os grilos da fabula!
Não temos que vêr — guerra continua pelo poleiro!